

# Do estúdio para o estúdio: representação do corpo masculino e virilidade na capa da revista Placar

Muriel Emídio Pessoa do Amaral  
Bruna Furlan Bozina  
Claudio Bertolli Filho

## **Resumo**

*Essa pesquisa analisa como ocorreram as mudanças de representação do corpo masculino veiculado na capa da revista Placar. Há 34 anos, as imagens desses corpos dialogavam com representações de homens em atividade, atualmente, essa representação se torna limpa, planejada e organizada no sentido de serem imagens de estúdios. Percebe-se a relação do corpo masculino sem máculas, afastado das relações de sofrimento e dor e a reconfiguração da masculinidade e virilidade.*

**Palavras-chave:** *Corpo. Masculinidade. Virilidade. Revista Placar*



## Introdução

A proposta desse artigo é de oferecer uma reflexão sobre as transformações dos modos de representação do corpo masculino nas capas de revista Placar, tendo como recorte as capas de três edições de 1984 e as do ano de 2013, esse ano antecede a realização da Copa no Brasil. A escolha das capas era aleatória, desde que veiculasse imagens de corpos masculinos e, a prática de esportes como destaque na imagem principal, o que totalizou seis capas. A intenção dessa seleção por amostragem pretende elucidar sobre a intenção desse artigo de retratar as mudanças de representação enquanto sintoma de códigos culturais que circulam. Além de levar em consideração as diversas mudanças de linha editorial a que a revista foi submetida, é importante analisar as referências históricas e culturais que também contribuíram para a realização dessas alterações. A construção desse arcabouço contextual elucidada para a análise das propostas discursivas imagéticas da revista.

Antes de entrarmos no cerne da questão, algumas considerações deverão ser feitas em relação às práticas e conceitos jornalísticos. A revista Placar se enquadra dentro do jornalismo segmentado, ou seja, atende uma fatia de mercado para um público que almeja determinada qualidade de conteúdo. Para isso, vamos adotar as seguintes considerações sobre o tema<sup>1</sup>. Dentro das práticas do jornalismo segmentado há um aprofundamento das informações que são veiculadas, isso quer dizer que a segmentação diz respeito à linguagem do conteúdo, e não há necessidade de explicação dos códigos utilizados para um público que não é heterogêneo no sentido de apresentar desconhecimento dos termos e do significado da linguagem utilizada.

A segmentação editorial atende, além de uma perspectiva mercadológica, uma linha editorial específica para a veiculação e publicação de conteúdos, visando os interesses de um público caracterizado que compartilha signos conhecidos e que está inserido dentro de práticas discursivas e culturais em comum. Diferentemente do jornalismo especializado, que se caracteriza pela veiculação em publicações sem que haja a segmentação de públicos como, por exemplo, os cadernos de cultura e de economia, o jornalismo segmentado vai ao encontro da diferenciação do público. Além disso, para a construção enunciativa do jornalismo especializado há, dependendo da necessidade, a mudança para uma linguagem que possa ser decodificada para o grande público. Como apresenta Moraes (1998), o jornalismo especializado se apresenta para o cidadão comum acerca de determinados assuntos. Dentro dessa perspectiva que o jornalismo de revista se enquadra em melhores condições para as práticas do jornalismo segmentado, além disso, para Scalzo (2003), as revistas surgiram não somente como um veículo de entretenimento, mas também de educação e informação:

As revistas vieram para ajudar na contemplação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que

<sup>1</sup> Para analisar outras perspectivas sobre jornalismo especializado e segmentado, há outros posicionamentos de autores como Buitoni (1986), Erbolato (1981).

podem oferecer a seus leitores. Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (as “notícias quentes”) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática) (SCALZO, 2003, p. 14).

A revista possibilita uma aproximação maior com o leitor, devido a essa segmentação de assunto e público, o que faz parte da essência do veículo. Para Scalzo “toda publicação voltada para um leitor específico, em que se faz necessário maior aprofundamento no assunto do que em jornais de temas gerais, é jornalismo segmentado” (2003, p.14). Ainda de acordo com Scalzo, a segmentação ocorre principalmente, em quatro categorias: por gênero (masculino e feminino), por idade (infantil, adulta, adolescente), geográfica (cidade ou região) e por tema (cinema, esportes, ciências...), obviamente que as divisões não se limitam a esses esquemas, podendo haver outras segmentações, há ainda para a autora a “segmentação da segmentação”, (2003, p.18) quando se busca um público ainda mais específico, chegando a grupos muito pequenos de pessoas.

Com essas considerações, podemos situar a atuação da revista Placar, que se encontra como uma das mais expressivas revistas de jornalismo esportivo. A revista foi lançada em 1970<sup>2</sup> e já passou por vários momentos de transformações como a veiculação de matérias sobre outros esportes (enquanto a revista tinha como nome Placar Mais), alterações de periodicidade, a crise ocasionada pela queda de tiragem (que levou ao encerramento das atividades no começo dos anos de 1990), mudanças no planejamento e identidade visual. Com a conquista da Copa de 1994 e a explosão do marketing esportivo, a Placar é relançada em 1995 e passa a ser mensal. Segundo Coelho, com a nova campanha publicitária adota o slogan “Futebol, sexo e rock & roll” (2003) e a nova revista passa a ter assinaturas e usar uma linguagem mais jovem e a circulação passa a ser de aproximadamente 200 mil exemplares no mês.

Os megaeventos esportivos contribuíram de forma considerável com as atividades e mercado editorial do jornalismo esportivo e, conseqüentemente, para o conteúdo da revista Placar. A realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas no Brasil oxigenou as produções e o acompanhamento dos noticiários de esporte no país. Tubino et. al. (2007) consideram que houve uma ruptura quanto às práticas do jornalismo esportivo em que essa qualidade de jornalismo era praticada por jornalistas de alto conhecimento técnico sobre as práticas do esporte que seria notícia e que agora:

[...] tem buscado o sentido do espetáculo, o que leva a uma identificação integrada com o show, o profissionalismo e o negócio. A criação, a difusão e o reconhecimento de ídolos e mitos no esporte têm sido algumas das iniciativas do jornalismo esportivo. (TUBINO, et. al. 2007. p. 719)

2 Sobre a história do jornalismo esportivo no Brasil e no exterior, leia Tubino et. al (2007), Martins (2001).

Com essa consideração dos autores, Gurgel (2009) soma ao conceito de espetacularização, atribuído por Guy Debord (1997) sobre a sociedade do espetáculo. Para Debord, a espetacularização se encontra em diálogo com as manifestações do consumo, no sentido de que as imagens se tornaram objetos de consumo dentro do universo midiático e se estabelece a cultura de consumo de bens materiais e também simbólicos. O autor ainda acrescenta que essa condição de consumo permeia a vida moderna, uma vertente do capitalismo contemporâneo. Na perspectiva do autor, há a possibilidade do estabelecimento do espetáculo como qualidade moral contemporânea na convivência, nas práticas de sociabilidade e também de comunicação:

[...] o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. (DEBORD, 1997, p. 14)

Tendo a reflexão de Debord, pode-se deduzir que, em grande parte, dentro do jornalismo esportivo, o que incluem as reportagens veiculadas pela Placar, são abordados apenas os atletas de alto rendimento, pertencentes a grandes clubes ou agremiações de destaque no esporte em que atuam ou que, de alguma forma, fazem parte do universo midiático também fora dos gramados ou quadras. Assim:

O esporte como espetáculo gera um “show de imagens”, que é ingrediente perfeito de entretenimento na sociedade contemporânea. Jogos, jogadores, jogadas, façanhas e narrativas, arenas, torcedores, produtos, dirigentes, políticos e celebridades do (e no esporte) são alguns dos itens fundamentais dessa grande fonte geradora de imagens e imaginários que constroem um sistema de prática e de sentidos inseridos no ambiente capitalista do trabalho e da geração de interesses econômicos (GURGEL, 2009, p. 203)

Ainda de acordo com o autor, o conceito de espetáculo encontrado na sociedade contemporânea faz ponte com as concepções egóicas e a concretização do poder do capital veiculado pelas práticas midiáticas. Essas explanações serão guias para as considerações acerca do corpo masculino nas capas da Placar. Para estabelecer uma relação das mudanças ocorridas, foram escolhidas capas dentro de um intervalo de 30 anos para justamente perceber de modo claro as ocorrências nas representações imagéticas.

Antes das considerações sobre as imagens dos corpos masculinos das capas é importante pontuar a relação do corpo com as práticas esportivas dentro do universo masculino como representação da cultura. Há uma relação muito íntima nas sociedades ocidentais entre as práticas esportivas e as masculinidades. A compreensão do corpo extrapola as condições da biologia e se apoia

nos estudos culturais e nas relações simbólicas que são edificadas, dialogando com a antropologia, sociologia e história. O corpo se torna um discurso que é construído e também constrói uma relação cultural, um processo que foge da lógica racional, mas apresenta razão dessa existência. De modo semelhante, acontece quanto ao entendimento da masculinidade e da construção do gênero em que as relações sociais e culturais são levadas mais em considerações que as relações biológicas. Assim, “a experiência do corpo é sempre modificada pela experiência da cultura” (RODRIGUES, 1975, p.62).

Na antiguidade, cabia apenas aos cidadãos nascidos nas polis gregas do sexo masculino a prática de esportes, um signo de cidadania, masculinidade e supremacia frente aos demais indivíduos da sociedade (LESSA, 2003). Assim como o conhecimento bélico, a música, a retórica, as práticas esportivas também faziam parte da formação intelectual e formal dos indivíduos do sexo masculino na antiga Grécia. Os exercícios físicos eram entendidos como uma forma de manter a corpo e a alma em equilíbrio justamente pela consagração do resultado estético, além de configurar a virilidade do homem e o afastamento de códigos considerados naquele período como pertencentes à condição de feminina como a fraqueza e covardia.

Na Idade Média, o corpo masculino estava atrelado à capacidade de força e bravura em diálogo com a moral cristã vigente da época. Havia a necessidade de acreditar que os corpos seriam dádivas de Deus ao passo que esse mesmo corpo passasse pelas mesmas privações sofridas por Cristo enquanto entidade de carne e osso, ou seja, para homens ou mulheres. A despeito disso, o corpo do homem manteria a supremacia em face ao corpo feminino pelas condições biológicas como a menstruação, por exemplo, que seria considerado um sintoma de corpo impuro à visão de Deus.

Já na Idade Moderna e Contemporânea, o exercício físico se estabeleceu também como canal para corpos e mentes saudáveis, agora de formas mais democrática, incluindo mulheres e crianças nas práticas esportivas. A necessidade de manter o corpo em forma, bem como a interferência do discurso da saúde no corpo, fizera dos exercícios físicos um discurso a ser produzido e reproduzido em âmbito social uniformemente. O controle do corpo se tornou código para o cuidado e vigília, uma prática de disciplina que foi realizada em nome da saúde e o afastamento da morte. Dentro do pensamento de Michel Foucault (2014), os discursos da saúde se tornaram dispositivos para a disciplina do corpo e, conseqüentemente, a produção de subjetivação:

O domínio e a consciência do próprio corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo do próprio por meio de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu esse efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu do corpo contra o poder, da saúde contra a economia, do prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor (FOUCAULT, 2014, p. 235).

É pertinente a colocação do autor sobre o tema ao apontar que o corpo se tornou alvo das práticas performativas de vários discursos como das atividades físicas, da saúde e da medicina, por exemplo. Essas interferências estão estampadas no corpo e também se tornam códigos para a significação de práticas culturais. As reflexões apresentadas nessa pesquisa vão ao encontro dessa perspectiva teórica. As representações imagéticas da revista acompanham as mudanças culturais dentro do âmbito social. Assim:

O corpo, cada vez mais, é parte dos processos de diferenciação social, associado à cultura de consumo e à mídia como divulgadora/criadora de novos estilos de vida. Esse corpo alterado, estilizado, mobilizado midiática e tecnologicamente para as identidades contemporâneas oferece um desafio para as ciências sociais, na medida em que escapa de análises tradicionais, calcadas numa lógica de identidade, que vê no corpo um substrato biológico fixo recoberto por significações sociais variáveis e passíveis de questionamento político. Não somente as identidades e os estilos de vida mudam constantemente, mas, cada vez mais, o corpo é alterado e estilizado de formas inusitadas para conformar-se a essa lógica de estilos (MONTEIRO, 2008, p. 103-104).

Essas reflexões podem ser acompanhadas de modo mais visível nas representações imagéticas. Nas edições da revista em análise, nas décadas de 1970 e 1980, as imagens das capas traziam representações de corpos em atividade, tanto nos gramados como nas quadras, uma vez que a revista abordava vários esportes. O suor, o esforço, as marcas de barro nos uniformes e o sofrimento pelas caretas estampadas nos rostos dos atletas são algumas das representações que foram abolidas das intenções discursivas da capa da revista atualmente. O corpo está, na maioria das vezes, estático, limpo, estilizado, perde a agressividade enquanto uma manifestação de garra exercida nos campos, o que não quer dizer, obrigatoriamente, a masculinidade. Ao contrário, esse signo não perdeu o efeito, apenas foi recodificado com outros signos para a produção de sentido das referências de masculinidade.



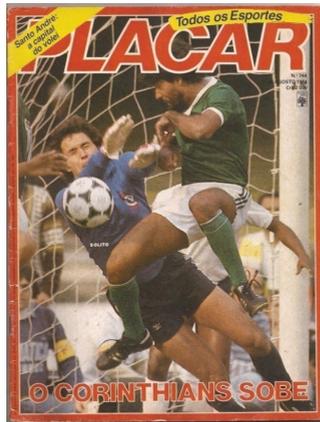
**Figura 1** – Placar - capa da edição n. 742 de 10 de agosto de 1984.

**Fonte:** Reprodução do original

**Autoria:** Pedro Martinelli

Como exemplo da expressão do corpo masculino em atividade é a imagem apresentada anteriormente que tem como tema central a boa campanha do Brasil no atletismo durante as Olimpíadas de 1984, em Los Angeles, Estados Unidos. A fotografia principal traz o meio-fundista Joaquim da Cruz, que ganhou ouro nos 800 metros daquele evento. Em menor destaque, a capa traz as imagens do nadador Ricardo Prado, que na ocasião ficou com a medalha de prata na categoria 400 metros medley<sup>3</sup>, e também a imagem de uma partida de futebol entre Palmeiras e Santos em que os jogadores estão em uma disputa de bola.

Com exceção da imagem que apresenta o nadador, as demais imagens evidenciam atletas em plena atividade do exercício na modalidade que desempenha. As tecnologias para o tratamento das fotografias daquela época certamente não são as mesmas quando comparadas às atuais. A naturalidade e o desempenho dos esportistas se tornam evidentes nas imagens. A mesma condição pode ser encontrada na próxima edição em que mostra o bom rendimento do goleiro Solito, do Corinthians, em uma partida de futebol com o Palmeiras. No gramado, em uma defesa do ataque do time alviverde, o goleiro se consagra na partida. A imagem discorre sobre o empenho dos atletas sobre o lance.



**Figura 2** – Placar - capa da edição n. 744 de 24 de agosto de 1984.

**Fonte:** Reprodução do original.

**Autoria:** Sergio Berezonky.

O corpo masculino nessas imagens pode ser considerado como uma representação semelhante a de um guerreiro. Os referenciais de guerra e esporte são muito parecidos: planejamento estratégico, a composição de uma equipe para o enfrentamento do adversário, o uso de indumentárias especiais durante o evento, o desenvolvimento de táticas para aniquilar os opositores e a consagração pela vitória são alguns dos signos que trazem analogias entre as duas práticas. De alguma forma, essas representações ficaram registradas nas imagens e demonstram o resultado do desempenho realizado pelos sacrifícios executa-

3 A expressão medley quer dizer que são realizadas quatro seqüências de estilo de nados em uma mesma competição.

dos na preparação e nos treinos. Além disso, a bravura e a ausência de medo compõem uma relação análoga entre atletas e guerreiros. Ainda na antiguidade essas comparações eram realizadas com o adendo que participar de guerras e praticar esportes eram referências de superioridade social e cidadania.



**Figura 3** – Placar - capa da edição n. 747 de 14 de setembro de 1984.

**Fonte:** Reprodução do original.

**Autoria:** Sergio Berezonky.

Na imagem da capa acima, mais uma vez o ofício dos jogadores é retratado em campo. A vibração da superação do adversário como resultado de um bom desempenho na partida. É interessante a presença da identificação dos jogadores na fotografia e o placar final da partida. O corpo em movimento traz a vibração do futebol e dos momentos marcantes da disputa, a consagração dos jogadores pela performance durante o jogo, a comemoração da atuação pelo mérito alcançado. Outro ponto pertinente que é necessário pontuar é quanto ao planejamento visual da revista. O nome Placar não apresenta contornos nas letras e o subtítulo *Todos os esportes* aparece logo abaixo do título da revista.

Esses códigos não competem mais às imagens da revista. Os gramados dos campos de futebol deram espaço aos estúdios de fotografia ou às manipulações gráficas dos personagens retratados. O corpo que estava em movimento, nas atividades desempenhadas no ofício de um atleta, se encontra muitas vezes paralisado, estático e inerte. As representações de sofrimento e dor pelos atletas em campo foram substituídas por outros processos de significação que não suportam mais o esforço e o recalque do desempenho em campo.

As imagens da revista dialogam mais com as expressões de prazer que as representações de desgastes das partidas no gramado. As manifestações de prazer praticamente se tornaram signos absolutos de convivência no espaço social e de representações, inclusive dentro do discurso midiático. O êxtase não se encontra mais no esforço empreendido, mas na representação já consagrada da conquista ou da imagem construída pela mídia de determinado personagem.



**Figura 4** – Placar - capa da edição n. 1391, maio de 2013.

**Fonte:** Site da Editora Abril – Revista placar.4

**Autoria:** Alexandre Battibugli

A imagem da capa estampa o então capitão da seleção brasileira de futebol de campo, Thiago Silva. A fotografia feita em estúdio com a iluminação artificial e tratamento digital fazem da imagem uma representação da função que o atleta exerce no campo. A agressividade nos gramados deu espaço à bravura de estúdio. O punho direito cerrado em posição de ataque e a impotência da faixa de capitão como escudo de defesa da seleção de futebol propõem a analogia entre o esporte e a guerra. Os signos da masculinidade que retratam a força e agressividade ainda fazem parte das intenções discursivas da representação do corpo masculino nessa edição da revista, mas, agora, em uma perspectiva que se apresenta em diálogo com o prazer.



**Figura 5** – Placar – capa da edição n.1386, janeiro de 2013.

**Fonte:** Site da Editora Abril – Revista placar.5

**Autoria:** João Queirolo

4 Disponível em: <<http://placar.abril.com.br/revista/edicao-1391>>. Acesso em: 14 de ago. de 2013.

5 Disponível em: <<http://placar.abril.com.br/revista/edicao-1386>>. Acesso em: 14 de ago. de 2013.

A relação de prazer se manifesta na edição de janeiro da revista. Trajando smoking de veludo verde, o jogador Daniel Alves segura a bola de futebol desenvolvida especialmente para a Copa de 2014, realizada no Brasil. Com um sorriso discreto, o jogador se apresenta levemente de perspectiva com a mão aparada no bolso do paletó. A elegância do porte do atleta na imagem não remete às atividades desempenhadas no gramado, o suor, a sujeira dos uniformes ou o enfrentamento dos adversários e reforça a representação de poder e capital que circula no universo do esporte de jogadores com salários milionários. A cultura midiática, da qual a revista Placar faz parte, que produz e reproduz os discursos mediados pela mídia, fornece:

Os modelos daquilo que significa ser homem e ser mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. [...] Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mal, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje. A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global (KELLNER, 2001, p. 9).

O pensamento de Kellner contribui muito para a formação da identidade dos jogadores dentro da cultura midiática e, conseqüentemente, a revista e o corpo se tornam uma referência para o exercício dos referenciais de prazer. Na imagem, um corpo sem mácula é qualquer representação de recalque para que o jogador alcançasse a condição de um jogador da seleção de futebol. É pertinente a colocação sobre prazeres dentro da cultura midiática que elege o corpo como expoente maior dessa representação. A forma como o corpo é representado pela cultura midiática se encontra em um estado de prazer extático, na concepção de Costa (2005), ou seja, que dura o tempo necessário para provocar o êxtase, o deslumbramento e a excitação imediata, o que mescla as significações de realidade e imaginário, desenvolvendo figuras mitológicas e que condicionam a um estado normatizante de representações.



**Figura 6** – Placar - capa da edição n.1388, março de 2013.

Fonte: Site da Editora Abril – Revista placar.6

Autoria: Ilustração: Marcelo Calenda. Fotografia: Getty Imagens

A imagem capa de março de 2014 traz corpos em atividade; três jogadores de reconhecimento internacional Neymar Junior (Brasil), Lionel Messi (Argentina) e Cristiano Ronaldo (Portugal) estampam a capa da revista trazendo o questionamento sobre quem será o craque da Copa. Possivelmente, as imagens dos atletas foram capturadas em campo, todavia, em quase nada se assemelha às capas de três décadas anteriores. O corpo está em movimento, mas disputa a representação na capa com adornos coloridos e um arsenal de intervenção digital na imagem. A montagem da imagem da capa não diz muito a respeito de um pensamento técnico futebolístico, as marcas de tempo e espaço são apagadas e, pela imagem veiculada, a seleção brasileira se torna temida e corajosa. Essa percepção se realiza pelo dedo riste de Neymar apontado para Messi que, por sua vez, mostra a língua, e a expressão de lamento do jogador português.

As análises comparativas entre dois momentos da revista elucidam a percepção das transformações a que os discursos midiáticos fomentaram sobre o corpo. A agressividade de um corpo de combatente esfarela o sentido para um corpo dócil, no entendimento de poder foucaultiano, um corpo disciplinado, impecável e livre das marcas do tempo e do sofrimento. A disciplina do corpo se torna um dispositivo tecnológico para bem-estar e prazer, uma representação que dialoga com as propostas do capitalismo enquanto um objeto de cultura.

Paula Sibília aponta uma consideração interessante sobre o culto ao corpo na cultura contemporânea ao afirmar que na era do culto ao corpo e da espetacularização da sociedade, “instalados a se converter em imagens com certas características rigorosamente definidas, os corpos humanos são desencantados de suas potências simbólicas para além dos códigos da ‘boa aparência’” (SIBILIA, 2011, p.83). Um diálogo aberto com o posicionamento de Baudrillard ao afirmar que:

[...] a ética da beleza, que também é a da moda, pode definir-se como a redução de todos os valores concretos e dos “valores de uso” do corpo (energético, gestual e sexual), ao único “valor de permuta” funcional que, na sua abstracção, resume por si só a ideia de corpo glorioso e realizado, a ideia do desejo e do prazer – negando-os e esquecendo-os precisamente na sua realidade para se esgotar na permuta dos signos. A beleza reduz-se então a simples material de signos que se intercambiam. Funciona como valor/signo. Pode, portanto, dizer-se que o imperativo da beleza é uma das modalidades do imperativo funcional. (BAU-DRILLARD, 2005, p.141).

Essas considerações se tornam interessantes e consolidam o posicionamento feito por Freud (2013) ao considerar que uma das propostas dos meios de comunicação de massa se articula na intenção de não promover o recalque e sim estimular e conceber o gozo como experiência moral da vida. Uma relação edificada por Lucia Santaella (2004) ao apresentar que o corpo apresentado pela mídia não oferece outra forma de representação fora das significações de prazer e felicidade, “as imagens do corpo reificado, o corpo reificado, fetichizado, modelizado como ideal a ser atingido em consonância como o cumprimento de uma promessa de felicidade sem mácula” (SANTAELLA 2004, pp. 125-126).

É interessante perceber as mudanças de significação da masculinidade. A bravura dos campos de um atleta semelhante a um guerreiro viril oferece espaço para a estetização dos estúdios; a tonicidade dos músculos não perdeu representação, doravante, o poder do homem não se encontra apenas nas condições biologizantes da condição de macho, mas do compartilhamento de signos fetichistas que estabelecem uma relação cultural para uma nova reflexão sobre poder, virilidade e masculinidade. Quanto a essa reconfiguração da virilidade Coutrine aponta que o “modelo arcaico dominante” (2013, p.11) baseado na agressividade e na violência perde o sentido no atual modelo sociocultural que permeiam, por exemplo, a força da mulher no espaço social, seja pela redefinição das identidades e questões de gênero:

Mais justo dizer que a virilidade entrou numa zona de turbulências culturais, num campo de incertezas, num período de mutação. E que, enfim, não há absolutamente porque e espantar que esse possa ser o caso. O modelo, de fato, se fundou como natureza no corpo, baseado numa imagem de força física e de potência sexual, por um lado, num ideal de autodomínio e de coragem, por outro lado. Isto significa dizer que ele sempre foi acompanhado, como sendo a face oculta, pelo temor da vulnerabilidade corporal, pela apreensão diante do enfraquecimento sexual, pela sombra da falência moral. (COURTINE, 2013, p.11)

Assim, as representações do corpo masculino e os referenciais de virilidade e masculinidade propostas pela revista Placar acompanham os movimentos culturais e as condições sociais de representação.

## Considerações finais

As imagens das capas da revista Placar atuais estão de acordo com o sentido das práticas culturais contemporâneas, independentemente da época em que circularam. O corpo sem marcas, relações de prazer e de supremacia dos personagens do futebol se tornam códigos nas construções discursivas imagéticas do corpo, e o corpo masculino da publicação se apresenta em outra perspectiva que não seja o mesmo de outras épocas, não experimentando o esforço que a profissão demanda. Assim, a representação que a Placar oferece sobre o corpo nas capas de suas edições é um sintoma da contemporaneidade em que o recalque, o sofrimento, o esforço se tornam signos amenizados pela força moral das relações de prazer e felicidade.

Essa transformação discursiva acompanha a mudança sobre a representação da masculinidade. Os códigos que ofereciam sentido de virilidade e força são recodificados por outras referências que se apresentam em diálogo com o prazer, valorização da estética e do bem-estar, amenizando as representações de força, bravura e agressividade nos campos de futebol. Por esse lado, a comunicação tem papel fundamental nesse processo, não exatamente de alienar os públicos quanto às formas de pensar as representações do corpo, mas de acompanhar os códigos, discursos e práticas que circulam em sociedade e fazer deles sintomas da cultura em circulação.

---

### *From the stadium to the studio: representation of the masculine body and virility on the cover of Placar magazine*

#### **Abstract**

*This research analyzes how the changes of representation of the masculine body portrayed on the cover of Placar magazine took place. Thirty-four years ago, the images of these bodies were in dialogue with representations of active men; today, this representation has become clean, planned and organized in the sense of being studio images. The relation of the unblemished male body, detached from the relations of suffering and pain and the reconfiguration of masculinity and virility, is perceived.*

**Keywords:** *Body. Masculinity. Virility. Placar magazine.*

---

## Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 2005.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

COURTINE, Jean Jacques. Impossível virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, George. **História da virilidade: a virilidade em crise – séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 7-12.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ERBOLATO, Mário. **Jornalismo Especializado**. São Paulo: Atlas, 1981.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: L&PM, 2013.

GURGEL, Anderson. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. **Revista Motrividência**. n. 32/33, v. 1, pp. 193-210, 2009.

LESSA, Fabio de Souza. Corpo e cidadania em Atenas Clássica. In: THEML, Neyde et. alii. **Olhares do Corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, pp. 48-55.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru/São Paulo: EDUSC, 2001.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República**. São Paulo: EDUSP/ Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MONTEIRO, Marko. Corpo, biologia e masculinidade. In: PEREIRA, Erik Giuseppe B.; ROMERO, Elaine (Org.). **O universo do corpo: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Shape, 2008, pp. 103-115.

MORAIS, Wilma. **Divulgação científica: público especializado ou público segmentado?** UFPE, 1998. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/05834ca-0ac272b2da45bdec75bbdece8.PDF>>. Acesso em: 07 out. 2013.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e Comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Corpo, Envelhecimento e Felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, pp. 83-108.

TUBINO, Manoel J. G.; TUBINO, Fábio M. e GARRIDO, Fernando A. C. G. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: Editora Senac, 2007.

